

O Papel da Metáfora “A Vida É Uma Viagem” em Textos Literários

The Role of The Metaphor "Life is a Trip" in Literary Texts

Monika Nascimento de Almeida ¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este trabalho investiga os itens lexicais “caminho”, “trilha” e “senda” dos textos salmo e provérbios da Bíblia Sagrada que se configuram como metáfora caminho em textos bíblicos considerados literários. Refletiremos se a metáfora conceptual “a vida é uma viagem” desses textos bíblicos apresenta mesmo mapeamento de textos do cotidiano. fundamentos através de uma articulação de princípios e pressupostos teórico-metodológicos fornecidos pela Teoria da Metáfora Conceitual, como proposta por Charteris-Black (2004), Lakoff (1987,1993, 2008), Lakoff e Johnson (1999,2002,2003), Johnson (1981,1987, 2005), Lakoff e Turner (1989), Kövecses (2002, 2005), pela Teoria do Experientialismo Corporificado, como proposto por Mark Johnson (1987).

Palavras-Chave: Metáfora conceptual; texto bíblico; mapeamento.

Abstract: This work investigates the lexical items “path”, “track” and “way” of the psalm texts and sayings of the Holy Bible that are configured as metaphorical path in biblical texts considered literary. We will investigate if the conceptual metaphor “life is a journey” of these biblical texts presents even mapping of texts of the daily. Lakoff (1987, 1993, 2008), Lakoff and Johnson (1999,2002,2003), have proposed a set of principles and theoretical-methodological assumptions provided by the Theory of Conceptual Metaphor as proposed by Charteris- , Johnson (1981, 1987, 2005), Lakoff and Turner (1989), Kövecses (2002, 2005), by Theory of Corporative Experientialism, as proposed by Mark Johnson (1987).

Key-Words: Conceptual metaphor; Biblical text; Mapping.

Submetido em 10 de maio de 2017

Aprovado em 23 de setembro de 2017

Introdução

O presente artigo tem como objetivo investigar os itens lexicais caminho, trilha e senda dos textos² salmo e provérbios da Bíblia Sagrada os quais se configuram em expressões linguísticas metafóricas. Refletiremos se a metáfora conceptual “a vida é uma viagem”, que está na base de diferentes expressões metafóricas cotidianas, apresenta mesmo tipo de mapeamento desses textos bíblicos considerados literários. Para desenvolvermos esta atividade, utilizamos um *corpus* constituído por textos verbais produzidos e veiculados na Bíblia Sagrada de Jerusalém. Os versículos dos

¹ Doutoranda UFMG. E-mail: moni11@terra.com.br

² A noção de texto designa toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário. (BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de Linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução: Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. SP: EDUC, 1999, p. 71.)

textos selecionados referem-se ao Livro dos Salmos, nº 119 e o Livro dos Provérbios, nº 2 e 15, Antigo Testamento. Na condução deste trabalho, utilizamos fundamentos através de uma articulação de princípios e pressupostos teórico-metodológicos fornecidos pela Teoria da Metáfora Conceitual, como proposta por Charteris-Black (2004), Lakoff (1987,1993, 2008), Lakoff e Johnson (1999,2002,2003), Johnson (1981,1987, 2005), Lakoff e Turner (1989), Kövecses (2002, 2005), pela Teoria do Experiencialismo Corporificado, como proposto por Mark Johnson (1987).

2. Aspectos Metodológicos

O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) define metáfora como “ESTL. LING RET. designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (p. e. ele tem uma vontade de ferro, para designar uma vontade forte, como o ferro)”. Essa definição poderia ser suficiente para não haver contestações sobre esta palavra “metáfora”, mas dada a existência de vários trabalhos que têm rodeado a área de linguística, filosofia, psicologia, antropologia nos últimos quarenta anos, não é mais possível adotar tal teoria sobre a metáfora.

A visão sobre a metáfora, conforme Mark Johnson (1981) escreveu:

estamos no meio da “metaforomania”. Apenas há três décadas, a situação era exatamente oposta: os poetas criavam metáforas, todos a usavam, e os filósofos a ignoravam. Hoje estamos possuídos pela metáfora (JOHNSON,1981, p. 3)

Reflete exatamente a compreensão do que tem prevalecido desde a época de Aristóteles até a primeira metade do século XX, quando a teoria da metáfora foi contestada em seus fundamentos. Atualmente, enquanto a antiga visão sobre a metáfora tem-se enfraquecido, existe uma reflexão diversificada sobre a natureza e função da metáfora que atravessa o campo da filosofia e da crítica literária teórica, até o domínio da linguística, psicologia, da educação, para citar alguns. O que está em questão não é apenas a função da linguagem metafórica e conceitos dentro dessas disciplinas mencionadas, mas a natureza básica do que pode ser chamado de uma "perspectiva metafórica" sobre a realidade como um todo. Uma vez que a metáfora foi reconhecida como mais um artifício retórico dispensável, os pensadores começaram a detectar sua presença e influência ubíqua não só na literatura, mas na linguagem cotidiana também.

A linguagem do discurso nas ciências naturais é comumente caracterizada e, até mesmo resumida, como "literal", não é constituída apenas de expressões metafóricas, mas utiliza conceitos metafóricos para explicar entidades inobserváveis. Com a existência da metáfora na raiz da razão e da imaginação, poderia ser verdade que investigar a sua natureza pode ser "uma das maneiras mais frutíferas de abordar questões lógica, epistemológica e ontológica para qualquer compreensão filosófica da experiência humana. Lakoff e Turner (1989, p xii) compartilharam esse otimismo e escreveram:

porque a metáfora é uma ferramenta primária para compreensão do mundo e de nós mesmos, entrar em conexão com a poderosa metáfora poética é lutar de maneira importante com o que significa ter uma vida humana.

Até aproximadamente 1970, a reflexão teórica sobre a natureza e a função da metáfora tem seguido geralmente uma única linha de pensamento com base na convicção de que a metáfora é essencialmente um artifício retórico. Como um adorno literário, a metáfora acrescenta elegância, encanto e recorre para afirmações, as quais assumem sua forma pura, em linguagem estritamente literal. Os teóricos modernos, entretanto, tendem a relegar essa função ornamental da metáfora, compreendem a metáfora como um instrumento cognitivo e que expressa ideias as quais não podem ser atualizadas em linguagem simples, sem haver perda de sentido.

O livro *Metaphors We Live By*, de George Lakoff e Mark Johnson foi escrito em 1979, antes da era da ciência do cérebro e da computação neural. Nessa obra, a abordagem proposta pelos autores para o estudo do fenômeno da metáfora passou a ser chamada “Teoria da Metáfora Conceptual”. A metáfora conceptual, a qual estrutura nosso sistema conceptual, em âmbito significativo, não é arbitrária, mas baseia-se em nossas experiências físicas e culturais. Enquanto eles enfatizam a importância da experiência corporificada, como parte de bases de experiência da metáfora conceitual, também salientam que tal experiência:

is never merely a matter of having a body of a certain sort; rather, every experience takes place within a vast background of cultural presuppositions... Cultural assumptions, values, and attitudes are not a conceptual overlay which we may or may not place upon experience as we choose. It would be more correct to say that all experience is cultural through and through, that we experience our “world” in such a

way that our culture is already present in the very experience itself. (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 57)³

Segundo Lakoff & Johnson (1980, p. 56), elaboramos a metáfora a partir do sistema conceptual. Esse sistema conceptual, específico a cada ser humano, e do qual não se costuma ter consciência, seria responsável pela concepção, estruturação, e conscientização das metáforas. A fim de conhecer melhor a configuração e o funcionamento desse sistema conceitual, Lakoff & Johnson afirmam que pode ser estudado a partir de alguns aspectos do nosso cotidiano – e um desses aspectos seria a linguagem.

Lakoff (1989), a partir de Lakoff & Johnson (1980), define três tipos de metáforas conceituais que estruturam nossa maneira de perceber, pensar e agir:

Orientacionais: são aquelas que orientam os corpos no espaço em associação com conceitos de limites. Podem-se mencionar as seguintes orientações espaciais: para cima, para baixo, dentro-fora, frente-trás etc. A metáfora orientacional “feliz é para cima”, leva à criação da expressão “Estou me sentindo para cima hoje”, porque o conceito de “feliz” é orientado “para cima”. Metáforas orientacionais têm base cultural e podem variar de cultura para cultura. As compreensões que se tem a respeito de tais metáforas estão estritamente vinculadas a valores específicos de cada cultura ou de grupos e subgrupos de uma mesma cultura. Conforme Kövecses (2005)

I suggest that the causes can be grouped into two large classes: differential experience and differential cognitive preferences or styles. In other words, the suggestion is that, on the one hand, many of our metaphors vary because our experiences as human beings also vary. And, on the other hand, our metaphors vary because the cognitive preferences and styles we put to use for the creation of abstract thought also vary.⁴

A experiência diferencial é produzida por meio de processos cognitivos, e processos diferenciais cognitivos que produzem metáforas diferentes sempre operam em

³ não é jamais ter um corpo de um determinado tipo; é uma questão de toda experiência acontecer dentro de uma enorme bagagem de pressuposições culturais... Suposições, valores e atitudes culturais não são conceitos que acrescentamos à experiência. Seria mais correto dizer que toda a nossa experiência é totalmente cultural e que experienciamos o “mundo” de tal maneira que nossa cultura está presente na experiência em si. (tradução nossa)

⁴ Sugiro que as causas podem ser agrupadas em duas grandes classes: a experiência diferencial e preferências ou estilos cognitivos diferenciais. Em outras palavras, a sugestão é que, por um lado, muitas das nossas metáforas variam porque as nossas experiências como seres humanos também variam. E, por outro lado, nossas metáforas variam porque as preferências e estilos cognitivos, que usamos para a criação de pensamento abstrato também variam. (IN: KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture: Universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005).

alguns contextos experienciais. Assim, por exemplo, se lemos ou ouvimos o enunciado “O nível pluviométrico vai subir muito nos próximos meses.”, a informação pode ser boa ou ruim dependendo da região em que uma pessoa está e do quanto ela precisa de chuva.

A metáfora conceptual considera que os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura.

Ontológicas: são aquelas que projetam características de entidades ou substância sobre algo que não tem essas características de maneira inerente. Aqui ‘entidades’ referem-se tanto a coisas como a seres, construindo-se a personificação uma metáfora ontológica. A metáfora “a mente é uma entidade” tem caráter ontológico, como em: Ainda estamos *remoendo* a solução para essa equação. A minha mente simplesmente não está *funcionando* hoje.

Estruturais: Metáforas estruturais ocorrem naqueles casos em que um conceito abstrato é estruturado metaforicamente em termos de outro de natureza concreta. Exemplo disso é a metáfora conceptual “amor é viagem”, que é formada por mapeamentos entre viajantes e amantes, caminho percorrido e vida a dois, destino da viagem e felicidade.

Charteris-Black (2004, p. 7), linguista que propõe a abordagem teórico-metodológica no livro *Critical Metaphor Analysis*, defende que a metáfora é um conceito relativo que não pode ser definido por um único critério que se aplica em todas as circunstâncias e que uma definição deve incluir critérios linguísticos, pragmáticos e cognitivos.

Segundo esse autor (2004, p. 7), a metáfora é muito adequada para o texto religioso “because it is a primary means by which the unknown can be conceptualised in terms of what is already know”. Entende-se, portanto que metáfora é o meio principal para fornecer explicações espirituais, uma vez que só pode ser expressa, referindo-se ao que é experimentado no mundo físico.

O que nos chama atenção na visão de Charteris-Black sobre a metáfora do domínio religioso é que ele propõe uma classificação hierárquica em que a metáfora seria descrita conforme seu nível de abstração. Inicia pela sua atuação no mundo físico concreto até atingir um nível máximo de abstração, em metáforas, metáforas conceptuais e chaves conceptuais. Dessa forma, ajudaria na compreensão da base ideológica da metáfora.

A partir de um versículo retirado de nosso corpus, esboçaremos a proposta de Black acima mencionada.

Chave conceptual: é uma afirmação que decide a tensão semântica de uma série de metáforas, mostrando que elas estão relacionadas. Ex.: “A vida é uma viagem”.

Metáfora Conceptual: é uma afirmação que decide a tensão semântica de uma série de metáforas conceptuais, mostrando que elas estão relacionadas. Ex.: Vida espiritual é uma viagem.

Metáfora: uma metáfora é representação linguística que resulta na mudança de utilização de uma palavra ou frase no domínio em que se espera que ocorra. Quando isso não acontece, acarreta uma tensão. Ex. Versículos do salmo 119:

1 Felizes os íntegros em seu **caminho**
 os que andam conforme a lei da Iahweh!
 2 Felizes os que guardam seus testemunhos,
 procurando-o de todo o coração,
 3 e que, sem praticar a iniquidade,
 Andam em seus **caminhos!**
 4 Tu promulgaste teus preceitos
 para serem observados à risca.

Assim, a partir dos critérios elencados por Charteris-Black, os linguísticos, pragmáticos e cognitivos, auxiliam-nos a compreender a produção de sentido dessas metáforas que se configuram no contexto religioso.

O item lexical “caminho” configura-se em **metáfora**, extensão da **chave conceptual** “A vida é uma viagem”. No contexto desse versículo, a produção de sentido de caminho emerge a partir da **metáfora conceptual** “Vida Espiritual é uma Viagem”. Inter-relacionar metáfora conceitual através da identificação das chaves conceituais pode ajudar na explicação da coerência em um discurso particular. A chave conceptual encaminha para o domínio de conceituação das metáforas. Isto é, os versículos emergem a partir do domínio religião. A metáfora conceptual “A vida é uma viagem” opera em nosso sistema conceptual porque nós, seres humanos, guardamos a memória de todo o caminho perseguido pelos bilhões de anos do processo de evolução. Esse caminho metafórico emerge do texto bíblico justamente porque nossas experiências com caminho proporcionam-nos compreendê-lo como caminho espiritual.

Mark Johnson, em seu livro *The Meaning of the Body*, (2007, p. 136) considera o esquema imagético *the most basic kinds of structural couplings* que compõem a nossa

experiência humana no mundo. Esquema imagético é um padrão dinâmico e recorrente de interações entre o organismo e o ambiente. Como tal, ele se revelará nos contornos de nossa experiência sensoriomotor. Esquemas imagéticos podem ser identificados através de descrição fenomenológica dos traços mais básicos de toda a experiência corpórea humana. A metáfora “A vida é uma viagem” é uma extensão de um dos esquemas imagéticos existentes denominado “Origem-Percurso-Meta”, simplesmente, esquema “Percurso”. Lakoff (1999, p. 30-34) afirma que esse é um esquema muito utilizado na estruturação de eventos complexos. Os propósitos são vistos “como destinos, e alcançar um propósito é entendido como passar por um caminho, de um ponto inicial a um ponto final”. Desse modo, alcançar um propósito é chegar ao destino, mas pode-se, nesse percurso, encontrar impedimentos (“estar num beco sem saída”) ou, ainda, desistir de alcançá-lo (“recuar”). Como todos os esquemas imagéticos complexos, o esquema PERCURSO constitui uma experiência *Gestalt*: a construção do todo tem maior influência no entendimento da compreensão humana do que a sistematicidade do conhecimento de todas as partes. Assim, o todo é coerente, mesmo sem se saber qual a amplitude e a dimensão da estrutura das partes que o compõem. Isso é *Gestalt*.

Esse esquema imagético, em decorrência de nossa mente corporificada, opera em nosso sistema conceitual e linguístico, pode configura-se na metáfora conceptual “A vida é uma viagem”. Para este trabalho, não extenderemos mais pressupostos teóricos sobre esquemas imagéticos por merecerem outro momento de investigação.

1. A metáfora literária e a não literária

Lakoff e Turner (1989) analisam o papel da metáfora na poesia. Para esses autores, a metáfora não está presente somente na vida cotidiana, mas também na literatura. No livro *More than Coll Reason* eles apresentam alguns fragmentos de textos poéticos universais. Como exemplo, (1) Shakespeare e (2) Dante

- (1) And all our yesterday have kighted fools
The way to dusty death (Macbeth 5.5)
- (2) In the middle of life's road
I found myself in a dark wood. (Divine Comedy)

A partir desses textos, pode-se compreender que em (1) Shakespeare vê a vida como uma viagem que termina em morte; e em (2) alguma época da vida, encontramos perdidos, sem propósitos de vida ou um caminho claro para nosso propósito.

Segundo Kövecses (2010), as metáforas literárias consideradas estruturais parecem menos frequente na literatura do que aquelas metáforas que são baseadas em nosso sistema conceitual cotidiano. Kövecses também analisa a presença de metáforas literárias em alguns poemas que abordam a temática de vida e morte. Como exemplo, o poema da poeta do século XIX Christina Georgina Rossetti:

Does the road wind up-hill all the way?
Yes, to the very end.
Will the day's journey take the whole long day?
From morn to night, my friend.

But is there for the night a resting place?
A roof for when the slow, dark hours begin.
May not the darkness hide it from my face?
You cannot miss that inn.

Shall I meet other wayfarers at night?
Those who have gone before.
Then must I knock or call when just in sight?
They will not keep you standing at that door.

Shall I find comfort, travel-sore and weak?
Of labour you shall find the sum.
Will there be beds for me and all who seek?
Yea, beds for all who come

Esse poema aborda a difícil jornada diária do eu-lírico em uma estalagem. Embora a vida e a morte não sejam mencionadas em todo o poema, a metáfora jornada para a vida e a morte permite-nos interpretar o poema. Essa interpretação, segundo Kovecses (2010) é reforçada por metáforas adicionais empregadas no poema que são convencionais⁵ no nosso sistema conceptual.

Kövecses argumenta que, do ponto de vista da linguística cognitiva da metáfora, as metáforas que emergem desses poemas são intepradas pelo leitor por causa do nosso julgamento ser baseado em metáforas conceptuais que ligam a vida e a morte a

⁵ As metáforas são convencionais quando estão fortemente estabelecidas em uma comunidade.(CHARTERIS-BLACK, J. Corpus approaches to critical metaphor analysis.London: Palgrave Macmillan,2004. pg.21).

uma viagem. Assim, a metáfora subjacente aos poemas metafóricos podem ser “A vida é uma viagem” e “A Morte é o Fim da Viagem”.

Ao finalizar suas análises de poemas, Kövecses menciona que todas apontam para a mesma conclusão geral: a de que as metáforas utilizadas por poetas são baseadas em metáforas conceituais. Nesse mesmo percurso, esse autor cita Gibbs, seguindo Lakoff e Turner, que aborda isso da seguinte maneira:

My claim is that much of our conceptualization of experience is metaphorical, which both motivates and constrains the way we think creatively. The idea that metaphor constrains creativity might seem contrary to the widely held belief that metaphor somehow liberates the mind to engage in divergent thinking. (1994, p. 7)⁶

Assim, poetas e escritores fazem uso de metáforas convencionais em seus trabalhos denominados criativos que, na verdade, derivam a partir dessas metáforas.

Seguindo a linha de Gibbs, a metáfora é concebida como um modelo cognitivo na esfera da Linguística Cognitiva. Ela é parte de uma das operações cognitivas que possibilitam ao ser humano produzir sentido. O significado é baseado em nossa experiência corporificada, denominada por Lakoff e Johnson (1999) como *Realismo Corporificado* ou *Experiencialismo*. Assim, o significado emerge de um processo contínuo de interação do organismo com seu nicho. Isto é, primeiro a nossa experiência de significado é baseada na experiência sensoriomotora, nossos pensamentos, e nossas conexões viscerais com a vida. E, segundo, com as várias capacidades imaginativas para usar o processo sensoriomotor para compreender conceitos abstratos. (JOHNSON, 2007, p.XII)

Compreender os versículos que iremos analisar, só é possível porque, nossa experiência com caminho (trilho e sendas) permite a estruturação, em nosso sistema conceptual, da metáfora conceptual “A vida é uma viagem”, extensão do esquema imagético “Origem-Percurso-Meta”. Dessa forma, o sentido desses itens lexicais caminho, trilho e senda configurar-se-ão em metáforas seja no texto literário quanto não literário, porque, conforme Johnson:

⁶ Minha tese é que grande parte de nossa conceituação de experiência é metafórica, que tanto motiva e constrange a nossa forma de pensar criativamente. A idéia de que a metáfora restringe a criatividade pode parecer contrária à crença generalizada de que a metáfora de alguma forma, liberta a mente para se engajar em pensamento divergente.(1994.p.7).

our experience is delineated in large part by the nature of our bodies and brains, the kinds of environments we inhabit, our social interactions, and the values and purposes we have. The patterns of our ongoing interactions or enactions (to use the term from Varela, Thompson, and Rosch 1991), define the contours of world and make it possible for us to make sense of, reason about, and act reliably within this world. (JOHNSON, 2007, p.136)⁷

A leitura desses poemas mencionados anteriormente emergem, portanto, de nosso conhecimento implícito da estrutura metafórica “A Vida é uma Viagem”. Esta metáfora tem como um domínio⁸-fonte o conceito de "viagem" e como um domínio-alvo o conceito de "vida". Conhecer a estrutura dessa metáfora é conhecer um número de correspondências entre dois domínios conceituais de vida e viagem, tais como menciona Kövecses (2005, p.123).

A VIDA É UMA JORNADA

- Ele está sem rumo na vida.
- Estou onde quero estar na vida.

Estas expressões metafóricas são baseadas nos seguintes mapeamentos:

- VIAJANTES ∇ pessoas conduzindo uma vida
- MOVIMENTO AO LONGO DO CAMINHO ∇ conduzir uma vida
- DESTINO (S) DA JORNADA ∇ efeito (s) de vida
- OBSTÁCULOS NO CAMINHO ∇ dificuldades na vida
- DIFERENTES PERCURSOS PARA UM DESTINO (ou vários) → diferentes meios de consecução de um objetivo(ou vários).
- DISTÂNCIA PERCORRIDA AO LONGO DO CAMINHO ∇ progressos feitos na vida
- LOCALIZAÇÕES AO LONGO DO CAMINHO → fases da vida
- GUIAS AO LONGO DO CAMINHO → ajudantes ou conselheiros na vida

⁷ as nossas experiências são delineadas em grande parte pela natureza de nossos corpos e cérebros, os tipos de ambientes que habitamos, nossas interações sociais, e os valores e propósitos que temos. Os padrões de nossas interações, ou enações (Varela Thompson e Rosch, 1991) definem os contornos de nosso mundo, ligando-nos a ele, e possibilitando-nos nele produzir sentido raciocinar, agir. (JOHNSON, 2007.p.136).

⁸ Domínio: Área do conhecimento ou experiência humana. No exemplo O AMOR É UMA VIAGEM, os dois domínios são AMOR e JORNADA. Há dois tipos de domínio: fonte e alvo. O domínio-fonte é aquele a partir do qual conceptualizamos alguma coisa metaforicamente: no exemplo, viagem; geralmente é algo concreto, advindo da experiência. O domínio-alvo é aquele que desejamos conceptualizar; esse é o domínio abstrato; no exemplo, o amor. (IN: KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture: Universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.)

A VIDA É UMA VIAGEM que permeiam tanto o mundo religioso da Bíblia Sagrada quanto o nosso mundo profano. A metáfora A VIDA É UMA VIAGEM tem como um domínio-fonte o conceito "viagem" e como um domínio-alvo o conceito de "vida".

Dada as concepções desses linguistas e exemplos de poemas metafóricos, percebe-se que as metáforas vida e morte são metáforas conceptuais que pertencem à nossa cultura. Lakoff e Turner (1989) argumentam, assim, que metáforas conceptuais não são criações únicas de poetas, mas são parte da maneira como membros de uma cultura têm para conceitualizar sua experiência.

Desta forma, ao analisarmos os salmo⁹ e provérbio¹⁰, tomamo-los como poéticos baseados em Osborne (2009). Nos estudos desse autor, ele aponta que existem muitas poesias do Antigo Testamento nos livros conhecidos como poéticos, tais como Salmos, Provérbios, Lamentações, Cânticos dos Cânticos ou Jó.

A Bíblia pertence à categoria literária¹¹. É um conjunto de escritos produzidos por pessoas reais que viveram em épocas históricas concretas. Como todos os outros autores, essas pessoas usaram suas línguas nativas e as formas literárias então disponíveis para a autoexpressão, criando, no processo, um material que pode ser lido e apreciado nas mesmas condições que se aplicam à literatura e geral, onde quer que seja encontrada. (GABEL & WHEELER, 2003, p. 17). Desta forma, não há um conflito necessário entre essa concepção e a concepção religiosa tradicional, que afirma ter sido a Bíblia escrita por inspiração direta de Deus e dada aos seres humanos para servir-lhes de guia de fé e da conduta. Portanto, examinaremos os salmos e provérbios como textos literários poéticos.

Para iniciarmos a análise dos textos do *corpus*, adotaremos a proposta de Black ao tratar a metáfora religiosa por meio da *hierarquia porque metáforas e chaves*

⁹ Salmo: A palavra *salmo* vem do grego e Significa “oração cantada e acompanhada de instrumentos musicais” (BORTOLINI, 2006, p. 6). Ao todo, são 150 salmos, que formam o mais extenso livro da Bíblia chamado de “Livro dos Salmos” (em hebraico, o livro dos salmos é chamado de *Tehillim*, ou seja, louvores). BORTOLINI, José. **Conhecer e rezar os salmos**. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

¹⁰ Provérbio: O livro dos provérbios pertence à categoria da literatura sapiencial, e é seu livro bíblico mais antigo. Provérbio é um espelho das atividades e dos interesses da vida cotidiana do israelita: fala; se das atividades de governo, da vida social e civil da comunidade, das atividades comerciais, das cortes, da agricultura, da família e dos escravos, do trabalho e do jogo, da alegria e da dor. MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. Tradução de Álvaro Cunha *et al.* São Paulo: Editora Paulus, 1983.p.686.

¹¹ Gabel & Wheeler (2003, p.17) usam o termo “literatura” em seu sentido mais amplo, isto é, que engloba não somente *belle lettres* –poesia, contos romances, peças teatrais, ensaios-, mas também leis, epístolas, decretos reais, sabedoria proverbial, mensagens proféticas, narrativas históricas, relações tribais, e outros tipos de material mais difíceis de classificar.

conceptuais são inferências abstratas de evidências linguísticas proporcionada por metáforas particulares. (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 244). A metáfora conceptual “A Vida é uma Viagem” é uma metáfora estrutural, tem-se um domínio fonte “Vida” e um domínio alvo “Viagem”. Pretendemos verificar se os domínios fonte e o alvo terão o mesmo mapeamento sugerido por Lakoff e Turner (1989) quando mapeados em salmos e provérbios considerados textos literários.

2. Análise dos Salmos

O salmo 119 estrutura-se em 176 versículos e está organizado em forma de acróstico, segundo a ordem do alfabeto hebraico. Para este trabalho, selecionamos apenas seis partes dele: a de Alef, Bet, Dalef, Guimel, Mem e Num.

- ¹ Felizes os íntegros em seu **caminho**
os que andam conforme a lei da Iahweh!
- ² Felizes os que guardam seus testemunhos,
procurando-o de todo o coração,
³ e que, sem praticar a iniquidade,
Andam em seus **caminhos!**
- ⁴ Tu promulgaste teus preceitos
para serem observados à risca.
- ⁵ Que meus **caminhos** sejam firmes
para eu observar teus estatutos.

Em Alef, a palavra caminho configura-se em metáfora e é uma extensão da metáfora “A Vida é uma Viagem”. Temos, dessa forma, o justo representado pela voz que narra esse poema. Os íntegros, incluindo o narrador, são aqueles que seguem em direção ao caminho de Iahweh, por isso são felizes. O caminho de Iahweh é suficientemente agradável para não possibilitar ao justo olhar em outras direções. Ele deve fixar os olhos no percurso dos mandamentos de Iahweh, que também deve ajudá-lo a manter a linha reta em direção ao caminho escolhido. O caminho percorrido pelo justo, irá conduzi-lo ao caminho de Iahweh. O justo entrega seu caminho a Iahweh que guarda o caminho de pessoas fiéis. No mapeamento dessa metáfora, o domínio alvo viagem apresenta um caminho que será seguido pelo justo. Este, por seguir os mandamentos de Iahweh, não encontrará nenhum empecilho para continuar sua jornada. **Chave conceptual** “A Vida é uma Viagem”. No contexto desse versículo, a produção de sentido de caminho emerge a partir da **metáfora conceptual** “Vida Espiritual é uma Viagem”. Metáfora: versículos: 1 a 8.

25 Minha garganta está pegada ao pó,
dá-me vida pela tua palavra.
26 Enumero meus **caminhos**, tu me respondes,
ensina-me teus estatutos.
27 Faze-me entender o **caminho de teus preceitos**,
e eu meditarei sobre as tuas maravilhas.
28 Minha alma se desfaz de tristeza,
Põe-me de pé, conforme tua palavra.
29 Afasta-me do **caminho da mentira**.
E gratifica-me com a tua lei.
30 Escolhi o **caminho da verdade**,
E me conformo às tuas normas.
32 Corro no **caminho dos teus mandamentos**.
Pois tu alargas o meu coração.

Nessa parte do Salmo 119, em Dalef, no versículo 26, o narrador enumera as possibilidades de caminhos para ele: “Enumero meus caminhos: o da mentira, o da verdade e o dos preceitos e mandamentos de Iahweh. O da verdade é o caminho que Iahweh conduz o justo para encontra o caminho espiritual. O narrador ora a Iahweh para ter vida e poder erguer-se, seguindo o caminho de retidão. Nesses versículos, o caminho almejado pelo narrador é o caminho do bem, porque é ele que o conduzirá para o caminho espiritual, o de Iahweh. O viajante está se sentindo fraco, com pouca fé, esse estado impede-o de seguir para caminho de retidão. Assim, existem dois caminhos que o narrador pode escolher, um deles, deverá levá-lo para o caminho espiritual. O domínio alvo apresenta três caminhos: o do justo, o da mentira e do caminho espiritual.

Chave conceptual: A VIDA É UMA VIAGEM

Metáfora conceptual: O CAMINHO DO BEM É ILUMINADO PELA PALAVRA DE DEUS.

Metáforas: versículos: 26, 27, 29, 30 e 32

(3) ¹⁰¹ Desvio meus pés de todo **caminho** mau,
para observar a tua palavra.
¹⁰² Jamais me desvio de tuas normas,
Porque és tu que me ensinas.
¹⁰³ Quão doce ao meu paladar é tua promessa,
é mais do que meu em minha boca!
¹⁰⁴ Com teus preceitos sou capaz de discernir
E detestar todo o **caminho** do mau.

¹⁰⁵ Tua palavra é lâmpada para os meus pés,
E luz para o meu **caminho**.
¹⁰⁶ Jurei, e sustento:
Observar as tuas normas justas.[...]

No exemplo (3), Mem e Num, o narrador segue o caminho de retidão porque sabe que o caminho do mau, jamais o levará para o caminho de Iahweh. Contrastando com a escuridão que se encontra em caminhos do mal, tem-se a luz que ilumina os caminhos do narrador. Existem nesses versículos, um viajante e dois caminhos: um caminho de luz e um de trevas. O viajante não encontra obstáculos para seguir o seu destino. A luz de Iahweh ilumina seu caminho, em contraste com a escuridão que sugere ser o caminho do mal.

Chave conceptual: A VIDA É UMA VIAGEM

Metáfora conceptual: O CAMINHO DO BEM É ILUMINADO PELA PALAVRA DE DEUS. O CAMINHO DO MAL É ESCURO.

Metáforas: versículos: 104 e 105.

3. Análise dos Provérbios

Selecionamos os provérbios nº 2, retirado da Parte I: Instruções da Sabedoria e nº 15, Parte II: Provérbios de Salomão.

(4)

⁶ *Pois é Iahweh quem dá a sabedoria;
de sua boca procedem o conhecimento e o entendimento.*

⁷ *Ele guarda para os retos sensatez,
é escudo para os que andam na integridade.*

⁸ *Ele vigia as **sendas** do direito
e guarda o **caminho** dos seus fiéis.*

¹² *para livrar-te do mau **caminho**,
do homem que diz disparates,
¹³ dos que abandonam o **trilho** certo
Para seguir **caminhos** tenebrosos;
¹⁴ dos que se alegram fazendo o mal
E se comprazem com os disparates;
¹⁵ seus **caminhos** são tortuosos,
e suas **sendas** extraviadas.*

Na sequência, exemplo (4), provérbio nº 2, as palavras trilho e sendas também se configuram como metáfora e são extensões da metáfora conceptual em estudo. Esse provérbio apresenta a voz de Iahweh aconselhando o justo, representado por “filho”, a aceitar sua palavra que é de sabedoria. Aquele que é contra a palavra de Iahweh, afastar-se-a dos caminhos, das sendas, dos trilhos certos. Para aquele que se afasta desse caminho reto e que é de sabedoria, haverá um caminho do mal, caracterizado como tortuoso e tenebroso. O trilho e as sendas estão em relação de oposição: existem os

caminhos, trilho e sendas corretos, mas também os caminhos, trilho e sendas tenebrosos. O viajante, em face desse aconselhamento, não tem obstáculos e poderá seguir um desses caminhos, mas também em oposição a esse viajante justo, tem-se o viajante ímpio.

Chave conceptual: A VIDA É UMA VIAGEM

Metáfora conceptual: OS CAMINHOS DO MAL SÃO TORTUOSOS E TENEBROSOS

Metáforas: versículos: 12, 13 e 15.

- (5)
- ¹⁸ *O homem colérico atíça a querela,
o homem paciente acalma a rixa.*
- ¹⁹ *O **caminho** do preguiçoso é como cerca de espinhos.
A **trilha** dos homens retos é grande estrada.*
- ²⁰ *O filho sábio alegre o pai,
o homem insensato despreza sua mãe.*
- ²¹ *A idiotice alegre o que não tem juízo,
O homem inteligente **caminha** direito.*

No versículo 19, provérbio nº 15, enquanto o destino final da jornada para o caminho do bem é a vida eterna, todos os caminhos do mal chegam ao fim por meio da morte. Os caminhos serão percorridos a partir dos tipos de viajantes: o preguiçoso e o reto. Os obstáculos referem-se às escolhas erradas, à falta de sabedoria que conduzirá o homem colérico, preguiçoso para o caminho do mal.

Chave conceptual: A VIDA É UMA VIAGEM

Metáfora conceptual: O ÍMPIO SEGUE O CAMINHO DO MAL. O JUSTO SEGUE O CAMINHO DO BEM.

Metáfora : versículo 19.

²⁴ Para o homem prudente o **caminho** da vida leva para o alto, a fim de evitar o Xeol, embaixo.

No versículo 24, provérbio nº 15, o homem prudente pode ir para o caminho da vida que o leva para o alto, mas para isso, ele deverá caminhar passo a passo, deverá passar de níveis inferior-intermediário-superior. Apesar de esse trabalho concentrar-se no estudo da metáfora estrutural “A Vida é uma Viagem”, tem-se também nesse versículo a metáfora orientacional “Para Cima” e “Para Baixo”. No versículo 24, “caminho da vida leva para o alto” a metáfora conceptual subjacente é “Vida É Para

Cima” e “caminho que leva para o Xeol, embaixo, a metáfora conceptual “Morte É Para Baixo”.

Chave conceptual: A VIDA É UMA VIAGEM

Metáfora conceptual : O CAMINHO DE IAHWEH É UM PERCURSO DE NÍVEL.

Metáfora : versículo 24.

4. Discussões e Resultados

Retomando a proposta de investigação e de reflexão das expressões linguísticas dos textos literários salmo e provérbios no âmbito da Teoria da Metáfora Conceptual, verifica-se que, no conjunto de versículos (1) a (6), existem dois tipos de viajantes: um denominado pelo texto bíblico de justo e de ímpio; os propósitos estão relacionados aos tipos de viajantes. O justo tem como propósito seguir o caminho reto, o caminho do bem. O ímpio não tem propósitos a seguir porque não almeja outro caminho a não ser o tortuoso e escuro. Às vezes, para chegar ao alto, o justo precisará passar por níveis que se inicia no Xeol, o plano baixo. Quanto aos conselheiros, a voz de Iahweh guia o justo, e também o ímpio, mas este, por estar seguindo o caminho das trevas, tem como conselheiro o mal, representado por Satanás. O caminho escolhido permitirá aos viajantes do texto bíblico seguir ou não o de Iahweh, Seu caminho é verdadeiro, seguro e certo.

Comparando o mapeamento da metáfora conceptual “A Vida é uma Viagem” que subjaz a textos do cotidiano, o mapeamento dessa metáfora não se apresenta com a mesma configuração em textos bíblicos, denominados literários. O domínio fonte “Vida” e domínio alvo “Viagem” inserem-se no domínio religioso. Somente a partir desse domínio religião é que os versículos poderão ser compreendidos. A vida que pode representar tanto a do mundo real quanto a do mundo espiritual. Compreendemos, assim esses textos, porque temos as nossas experiências delineadas em grande parte pela natureza de nossos corpos e cérebros, pelos tipos de ambientes que habitamos, pelas nossas relações sociais, valores e propósitos. O sentido desses textos literários emerge, porque a experiência corporificada está dinamicamente engajada com seu nicho e seus padrões sensorimotores, esquemas imagéticos e metáforas conceptuais. O esquema imagético “Origem-Percurso-Destino” por ser extensão da metáfora “A Vida é uma Viagem”, “Viagem” também contribui com a produção de sentido dos versículos em

estudo. Os viajantes devem ser guiados por caminhos seguros e verdadeiros para atingir as suas metas. Não basta que sejam verdadeiros e certos, pois muitos deles podem encerrar riscos que acabarão impedindo a chegada ao objetivo. Os planos e ações de Iahweh são os pensamentos e os seus caminhos que não são os pensamentos e os caminhos dos homens, eles estão acima dos caminhos dos homens quanto os céus estão acima da Terra.

Esta investigação foi apresentada, tendo-se como corpus texto bíblico da religião cristã. Em outras religiões, os domínios fonte e alvo da metáfora “A Vida é uma Viagem” poderão ser diferentes, apesar de o sentido de “Origem-Percurso-Destino” se configurarem a partir de nossas experiências corporais como seres humanos bípedes. Nem toda religião concebe a vida como um caminho a ser seguido, mesmo que seja o da vida espiritual, e algumas não têm o conceito de Deus como criador. Como exemplo, Confucionismo, Taioísmo e Xintoísmo, religiões do Extremo Oriente (HELLERNS et al: 2000, p. 77-87). Assim, para investigação sobre essas religiões, necessitaríamos de um novo trabalho, um novo momento de pesquisa.

Referências

Bíblia de Jerusalém. *Novo Testamento*. Editora Paulus, 2002.

BAUER, Johnnes B. Dicionário Bíblico-Teológico. Trad. Fredericus Antonius Stein. Edições Loyola. S.P. 2000.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de Linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução: Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. SP: EDUC, 1999, p. 71

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. London: Palgrave Macmillan, 2004.

Chave Bíblica. Sociedade Bíblica do Brasil. Brasília. 1970.

GABEL, John B & WHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura*. SP: Loyola, 1993.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* R.J. Editora Objetiva Ltda. 2001, p. 2850.

HELLERN, V; NOTAKER, H.; GAARDER, J. *O Livro das Religiões*. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo:Companhia das Letras, 2000.

JOHNSON, Mark. *Philosophical Perspectives on Metaphor*.The University of Minnesota. 1981.

JOHNSON, Mark. *The Body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press.1987.

KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor: a practical Introduction*. New York. Oxford University Press. 2002.

KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor In Culture Universality And Variation*. New York Cambridge University Press. 2005.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphor we live by*. Cicago: Chicago University Press,2003.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP. Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LAKOFF, G;TURNER,M. *More Than Cool Reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago University Press,1989.

LAKOFF, George.The contemporary theory of metaphor. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (pp. 202–251). Cambridge: Cambridge University Press. 1993.

LAKOFF, George, and JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books. 1999.

_____. The neural theory of metaphor. In Ray Gibbs (ed) *The metaphor handbook*. Oxford :Oxford University Press, 2008.

MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico: Tradução Álvaro Cunha et al. S.P. Paulus, 1983.

OSBORNE, G.R. A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica. SP: Vida Nova: 2009.

ROHRER, Tim. Embodiment and Experientialism In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.